

**Macumba, catolicismo e evangelicalismo na comunidade quilombola do Cumbe,
em Aracati/CE¹**

Ozaias da Silva Rodrigues (UFAM, Amazonas, Brasil)
Palavras-chave: Macumba. Catolicismo. Evangelicalismo.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).



Imagem 1 - Altar em referência a Maria, feito para o mês mariano na casa de Edite (Ozaias Rodrigues, 2023).

Introdução

Falar na religiosidade local da comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati/CE, implica em entendermos as relações entre macumba, evangelicalismo e catolicismo² nessa comunidade. De forma geral, há um antagonismo prático e discursivo entre essas expressões religiosas, ao mesmo tempo em que há um diálogo, a depender de cada caso. Na pesquisa de campo que realizei entre 2022 e 2023, fiquei sabendo do preconceito que os evangélicos têm contra festas católicas e contra afrorreligiosos. Em algumas ocasiões, ouvi queixas de católicos não-praticantes contra evangélicos, de católicos contra afrorreligiosos e destes sobre os evangélicos. Aponto que ouvi relatos de que algumas pessoas que eram da macumba, hoje em dia são evangélicas – e criticam a macumba, bem como católicos/as não-praticantes que se converteram, como se diz no jargão evangélico, ao evangelicalismo.

No conjunto de percepções que tive em campo e durante a escrita da tese, uma me chamou a atenção em particular: foi a frequência com que ouvia, estando em campo, de interlocutores/as mais íntimos/as, a palavra ‘macumba’. A primeira vez que ouvi achei interessante, mas julguei como um dado aleatório. No entanto, no decorrer dos dias de dezembro de 2022, fui percebendo que em certas ocasiões e com certas pessoas a palavra ‘macumba’ aparecia nas conversas de forma muito espontânea e o principal para mim, enquanto também pesquisador de religiões de matrizes africanas, era ouvir aquela palavra com a naturalidade que eu só ouço dentro dos terreiros de Candomblé e Umbanda. Assim, a palavra ‘macumba’ era sempre evocada sem nenhum sentido pejorativo, sem nenhuma demonização do termo. Nesse sentido, a naturalização do termo ‘macumba’ me apontava algo que só a frequência de ouvi-lo me faria entender depois: a macumba é constitutiva da memória de vários moradores/as do Cumbe, quase como uma memória coletiva. Eu sempre ouvia algum relato de que fulano e sicrano mexiam ou mexem com macumba, tanto no sentido de exercitar sua religiosidade afro-indígena³ e/ou mediunidade, quanto no sentido dos ‘trabalhos’, dos ritos de caráter mágico.

² Nesse texto, estou tomando ‘macumba’ por um designativo de manifestações religiosas e espirituais afro-indígenas. ‘Evangelicalismo’ tomo como uma designação para os evangélicos pentecostais e neopentecostais, sendo que numa perspectiva êmica, os evangélicos se dizem evangélicos e não pentecostais e neopentecostais, sendo esses termos mais externos do que internos, para se referir a esses grupos religiosos. O termo ‘pentecostal’, quando é acionado no discurso êmico, tem mais a função de identificar uma certa tradição dentro do conjunto da religiosidade evangélica no Brasil, marcada geralmente pelo ‘falar em línguas’, por ‘revelações’, pelo ‘batismo no Espírito Santo’, pela manifestação de ‘dons espirituais’, como cura e ‘avivamento espiritual’. E ‘Catolicismo’ tomo em sua versão popular, como uma religiosidade de base que agrega práticas não oficiais do catolicismo, digamos assim.

³ Uso o termo afro-indígena pois em vários momentos da pesquisa de campo ouvi histórias de pretos e

Os/as interlocutores/as mais íntimos sempre citavam os nomes das pessoas ao falar de macumba e às vezes davam detalhes vívidos sobre a macumba organizada que havia no Cumbe. Porém, ao mesmo tempo em que a macumba é afirmada e positivada por algumas pessoas, como falei, essa foi a experiência que tive com os/as interlocutores/as mais íntimos/as, pois há quem negue a sua presença no passado do Cumbe e quem a demonize. Assim, há quem fale bem e com propriedade da macumba e há quem fale mal e com muito distanciamento da mesma. De alguma forma, a macumba subjaz ao catolicismo popular do local, que é permeado de misticismos e entidades não-cristãs.

Catolicismo e Macumba

No cenário religioso atual do Cumbe se destacam o evangelicalismo e o catolicismo, sendo que a macumba se manifesta como algo diluído na comunidade, sendo mais individual do que organizada para e por um coletivo de pessoas. O primeiro sendo mais recente e o segundo bem mais antigo enquanto pertença religiosa local. Como marcos materiais desse catolicismo tem-se a igreja de invocação ao Senhor do Bonfim, a igreja local mais importante, uma capela que fica dentro do empreendimento Barraca Pôr do Sol, de Xavier, e a Santa Cruz⁴, que fica no cemitério. O catolicismo local é dominante enquanto prática e memória coletivas. As festas ditas tradicionais do Cumbe, por exemplo, todas elas se davam no espaço da igreja local, sendo que em determinado momento houve uma limitação da expressão profana dessas festas. Nesse caso, uso o termo profano a fim de demarcar a diferença da expressão propriamente religiosa das festas.

indígenas, ou caboclos, no passado do Cumbe. Esses dois elementos também são citados em casamentos que ocorreram no local, que geraram inclusive a família dos caboclinhos. Portanto, não se trata apenas uma influência negra no Cumbe, mas também indígena e branca. No caso religioso, sabe-se que a macumba e a umbanda cearense é marcada pelo elemento indígena, como apontam Araújo e Assunção (2023) e Sousa (2023), ou tem um caráter afro-indígena, a depender dos contextos (ARAÚJO; ASSUNÇÃO, 2023).

⁴ Escreve Brissac (2017) que: “a Santa Cruz, [é um] cruzeiro posto no alto da maior duna do Cumbe no ano de 1900. O cruzeiro foi erguido a mando do proprietário de engenho Abel Francisco Lopes, para marcar o início do novo século. Ao seu redor, foram sendo sepultados moradores e, com o tempo, esse se tornou o cemitério da comunidade. Esse cruzeiro é de grande valor simbólico para os habitantes do Cumbe. Muitas promessas são feitas à Santa Cruz, considerada milagrosa pelos moradores, e a seus pés estão depositadas dezenas de ex-votos. O caminho para a Santa Cruz, a partir do Cumbe, passa pela Ubadeira, onde há uma empresa de carcinicultura. Segundo os membros da comunidade quilombola, eles não têm tido livre acesso à Santa Cruz e ao cemitério ao longo do ano, já que os seguranças da empresa de carcinicultura somente permitem a subida ao cemitério no Dia de Finados. Já os moradores não-quilombolas que entrevistei afirmaram que é sempre livre o acesso ao cemitério” (p. 18).

A paróquia local, levando em consideração a pressão de fiéis mais conservadores e o incômodo de certos padres, proibiu que as festas dos santos (religiosas) tivessem vinculação com a expressão profana delas, que geralmente ocorria após as missas e novenas - a parte do sagrado, propriamente dito, como me explicou Ana Paula, uma das interlocutoras da pesquisa. Hoje em dia as festas ‘dançantes’, profanas, com direito a música e bebida, por exemplo, ocorrem em outro espaço que não o da igreja e não se vinculam, de forma oficial, com as festas de santo. Usa-se o nome festa tradicional do Cumbe, mas ela não pode usar o nome do padroeiro da comunidade, que é Senhor do Bonfim.

Mesmo assim, essa festa tradicional profana usa como referência a semana do novenário do Senhor do Bonfim e acontece nos últimos dias da referida semana. Nesse período, diariamente ocorrem as novenas na igreja e no sábado e domingo, que findam a semana, ocorre a festa dançante, chamada de tradicional. A festa religiosa propriamente dita não existe mais, ficando restrita à sua modalidade religiosa de novenas e/ou missas, que contam apenas com barracas de comidas. A parte religiosa e a profana ficam apartadas geograficamente, quando antigamente ambas ocorriam na igreja: a parte religiosa se fazia dentro e a profana se fazia no pátio da igreja, com música, comida, bebida e leilão.

Uma manifestação do catolicismo local são os ex-votos de madeira depositados aos pés da Santa Cruz. As pessoas ainda fazem promessas a santos, à Nossa Senhora, a Jesus, com o intuito de obter certas coisas, mas a expressão material dessas promessas não existe mais, enquanto prática. As pessoas pediam a cura das dores ou doenças que acometiam certas partes do corpo e expressavam sua gratidão materializando a cura alcançada a partir de um molde em madeira, que representa a parte específica do corpo que foi curada. Na ocasião de alcançarem as graças requeridas, as pessoas devem cumprir suas promessas. Assim os ex-votos, de antigamente, materializavam partes do corpo, como braço, perna, seio, cabeça, mão, entre outras e que eram depositadas aos pés da Santa Cruz, como ato de gratidão às graças alcançadas.

Hoje em dia não se faz mais isso. O caminho tradicional que dava para o cemitério está obstruído por uma propriedade privada de fazendas de camarão. Além disso, hoje em dia a devoção não é mais a mesma, como me disse Ana Paula e deve-se levar em consideração a influência que os conflitos internos⁵ tiveram no abandono de certas práticas religiosas ou que passaram a ser feitas com baixa adesão das pessoas. A

⁵ Sobre o assunto vide Rodrigues (2024), principalmente o tópico 3.3. Conflitos internos, parentesco e relações raciais.

prática de materialização dos votos basicamente se extinguiu e as peças de madeira que ainda restam se deterioram com o passar do tempo, porém fazem parte do patrimônio material/imaterial do Cumbe.



Imagem 2 - Santa Cruz do Cumbe, localizada no cemitério da comunidade, tendo aos pés ex-votos feitos de madeira (Antônio Filho, 2022).

Maio é o mês mariano e só soube disso pois passei esse mês, no ano de 2023, no Cumbe. Durante o mesmo cheguei a participar de várias novenas, não só para conhecer essa prática, quanto para entender melhor o catolicismo local. Nessas novenas rezamos o terço, o Pai Nosso, com várias ladainhas e algumas canções lideradas por Grace, filha de Edite. As novenas ocorreram na casa de Edite e eu as descobri por acaso, quando fui à sua casa tirar dúvidas sobre alguns trechos da entrevista que ela me concedeu. Quando cheguei lá a novena já estava acontecendo e fiquei esperando, respeitando o sagrado alheio.

Depois dessa ocasião passei a ir com frequência nas novenas, pois me sentia mais à vontade ali do que me sentiria numa igreja evangélica, por exemplo, em que se fazem cultos duas vezes por semana, pelo menos. Tendo ido às novenas vários dias durante as semanas de maio, aprendi algumas ladainhas e rezas e a ordem de falá-las. Aquela experiência foi algo novo para mim e uma aproximação com o catolicismo que eu nunca tinha experimentado. O motivo dessa maior abertura pessoal ao catolicismo se deve à passagem que fiz pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB).

Andando pela comunidade, no referido mês de maio, percebi uma expressão do conflito nos grupos de mulheres que se organizavam para fazer suas novenas diárias. As novenas realizadas em Edite eram feitas com suas filhas e algumas outras quilombolas. No dia 5 de maio de 2023, depois de participar de uma dessas novenas na casa de Edite, fui lá em cima (no Cumbe de cima) e quando cheguei perto do posto de saúde, vi que naquele espaço havia um grupo de mulheres que também estavam fazendo suas novenas. Comentei sobre isso com algumas pessoas dizendo, em tom de gracejo, que no Cumbe há a novena das quilombolas e das não-quilombolas, pois nem nisso se misturam.

Já no dia 31 de maio ocorreu a Coroação de Maria, da qual participei, sendo a coroação o clímax do mês mariano. Na ocasião da Coroação, mesmo sendo organizada por mulheres não-quilombolas e realizada na igreja do Senhor do Bonfim, algumas mulheres quilombolas participaram dessa celebração. Talvez o costume de participar de novenas diárias tenha feito eu achar aquela novena especial longa demais, a ponto de sentir muito sono em dado momento. Mesmo assim fiquei até o final e ainda tiramos fotos juntos, devido à insistência de uma das organizadoras. Em alguns momentos, achei certas expressões verbais e musicais muito evangélicas, como se houvesse ali uma bricolagem litúrgica. Nessa ocasião, alguns homens não-quilombolas apareceram também, tendo suas presenças ressaltadas por uma das organizadoras.

Junho é o mês das festas juninas, de São João, mas também é o mês de Santo Antônio e São Pedro, sendo este padroeiro dos pescadores. No Cumbe, participei de duas delas e dei uma passada rápida em outra. Participei de uma que se deu por ocasião da comemoração do aniversário de Niltinho, esposo de Cleomar⁶ e a outra foi um arraiá, como popularmente se chamam as festas juninas, organizado pela escola do Cumbe, na qual estudam discentes do Cumbe e da Canavieira. O outro arraiá, do qual fiquei sabendo, foi o realizado pela família de Maria Eunice. Neste eu apenas dei uma passada, como se diz no jargão popular, com Cleomar e Antônio Filho, neto de Maria, depois de termos ido ao circo naquela mesma noite. Achei interessante o arraiá organizado pela escola, pois ali estavam quilombolas e não-quilombolas. Discentes quilombolas, por exemplo, dançaram na quadrilha improvisada com não-quilombolas que estudam e trabalham na escola⁷. As mães quilombolas se fizeram presentes para verem seus/suas filhos/as se apresentarem, para tirarem fotos, filmar as danças, comer uma comida típica e conversar.

Essas descrições bastam para entendermos um pouco como o catolicismo local se expressa em ritos religiosos e profanos, como novenas e festas dançantes alusivas a santos. Passemos agora a falar da macumba no Cumbe, entendendo que o antagonismo entre catolicismo e macumba existe⁸, como várias falas nas entrevistas mostraram, como também há casos de uma combinação entre essas duas expressões religiosas.

Como já comentei, uma das coisas que percebi estando em campo foi a frequência com que ouvia, de interlocutores/as mais íntimos/as, a palavra ‘macumba’, que era sempre evocada sem nenhum sentido pejorativo, sem nenhuma demonização do termo. Na minha terceira ida a campo, por exemplo, em 2023, ouvi vários relatos de pessoas que nem gostam de falar de macumba, pois não ‘acreditam nisso’, que ‘não gostam disso’ ou que isso ‘é coisa do demônio’. Esses relatos passaram a ser frequentes, afinal, eu estava mais presente no cotidiano comunitário e fui percebendo outras camadas

⁶ Liderança quilombola e uma das principais interlocutoras da pesquisa.

⁷ Fiz essa ênfase entre quilombolas e não-quilombolas porque a escola do Cumbe é um dos palcos de conflito na comunidade.

⁸ Nesse sentido cabe falar também do sincretismo afrocatólico, pois nem sempre a relação é de tensão e antagonismo, mas de diálogo e complemento entre catolicismo e macumba. Esse sincretismo, como proposto por Prandi (1996), pode ser entendido da seguinte forma: “O fim da escravidão, a formação da sociedade nacional, o extravasamento das populações pelas amplitudes geográficas, com a criação de possibilidades as mais diferentes, tudo isso só fez reforçar a importância do catolicismo para as populações negras. O próprio catolicismo, como cultura de inclusão, hegemônica, não fez oposições, que não pudessem ser vencidas, ao fato de o negro manter uma dupla ligação religiosa. [...] As religiões afro-brasileiras, em suas origens, sempre foram devedoras e dependentes do catolicismo, ideológica e ritualmente” (p. 68). Assim, pude notar no Cumbe que as pessoas que se identificam com a macumba, de forma oficial ou não, se vinculando a um centro ou não, agregam esse pertencimento ao catolicismo, em forma de diálogo e de composição.

das questões que me deixavam curioso. O racismo religioso, sendo velado ou não, estava dado nas palavras e atitudes das pessoas.

Em certas entrevistas, algumas pessoas negaram a presença de práticas relacionadas à macumba no Cumbe, enquanto outras afirmaram-nas. Retrospectivamente, a macumba era organizada por três mulheres, sendo que muitos/as interlocutores/as dizem que duas delas eram um casal lésbico, não necessariamente usando essa expressão. Maria Marimbondo era quem organizava tudo, a mãe de santo, basicamente, e finada Osmarina e finada Fátima eram suas ajudantes, sendo que as giras aconteciam na casa de Osmarina e de Fátima. Esta era da família dos ditos ‘caboclinhos’, aquela era de Quixaba, uma localidade/praias da região e Maria era de Aracati, do Centro, digamos assim.

Everardo⁹ foi um dos que falou largamente de suas memórias sobre a macumba no Cumbe. Descreveu a sala onde as giras aconteciam, o altar, os nomes das entidades, entre outras coisas. Contou episódios impressionantes de coisas que viu nas giras. Como parte de sua lembrança, ele contou que Osmarina e Fátima adoeceram e morreram em decorrência disso. Quando elas faleceram, as giras no Cumbe acabaram. Maria geralmente ia ao Cumbe na sexta-feira e voltava para casa no sábado, sendo que todo mundo do Cumbe sabia e tinha raiva disso ou não acreditava nisso, como contou Everardo. Ele disse que não faziam trabalho para o mal, que gostava de ir e que se voltasse a ter com certeza ele iria.

Macumba e Evangelicalismo

Um relato interessante, que sugere a presença de uma espiritualidade de matriz afro-indígena no Cumbe, nos dá o naturalista Francisco Freire Alemão. Em sua visita ao Cumbe, no ano de 1859, ele narra o que presenciou do fenômeno conhecido como toque do morro. Ele comenta que “Logo que fomos nos aproximando do monte sentimos um sussurro, como de tambor tocado ao longe...” (DAMASCENO; CUNHA, 1961, p. 276). Isso nos indica que Freire Alemão tinha alguma familiaridade com o som de tambores percutindo, a ponto de invocá-los em sua descrição. Não se trata, a meu ver, de uma comparação sonora aleatória, mas de uma quase certeza do que se ouvia, afinal, ele mesmo já tinha ido a rodas de negros escravizados em Pacatuba (DAMASCENO;

⁹ Everardo dos Santos é pescador, tendo começado a pescar desde os dez anos de idade. O negócio dele é pescar direto, como me disse, além de ser um hábil dançarino e frequentador assíduo das festas no Cumbe.

CUNHA, 1961, p. 229), que atualmente é um dos municípios da região metropolitana de Fortaleza. Portanto, o som lhe era familiar e ele prova isso escrevendo:

Metidos debaixo da sombra e sentados sobre os extremos ramos do enorme cajueiro, repousamos um pouco para poder dar atenção ao fenômeno. Era realmente curioso o som que dava a montanha, ora mais brando, ou quase nulo, ora mais intenso, e perceptível, e assemelhava-se ao som do tambor dos pretos no seu camdombe, ouvido a uma certa distância, e quando o som se tornava mais intenso, a areia corria pelos flancos da montanha e sentia-se um estremecimento na areia, no monte, e nas árvores sobre que estávamos deitados ou sentados. Estivemos por algum tempo observando o fenômeno, sobre que cada um dava sua explicação... (DAMASCENO; CUNHA, 1961, p. 277).

Levando em consideração a capacidade dos ventos em mover imensas dunas móveis de seu lugar, devemos lembrar que os mesmos podem conduzir som, bem como matérias leves, como a areia. Para quem já experimentou músicas ao som de atabaques ou tambores, conhece bem a sensação física de vibração corporal que eles geram nas pessoas quando são tocados, sobretudo quando são percutidos com força e cadência. Lagos, que acompanhava Freire Alemão, testou sua bússola para ver se havia alguma atividade magnética naquele fenômeno. Não havia: a agulha estava indiferente (p. 277). A explicação de Freire, como bom naturalista que era, se resume a entender a dinâmica dos morros a partir da ação do sol, da dilatação dos grãos de areia, seus atritos e seu revirar constante pelo vento (p. 277). É uma explicação plausível.

A outra explicação é supor que realmente havia pessoas naqueles morros tocando tambores ou uma mistura dessas duas possibilidades. Poderia muito bem haver tambores tocando nas dunas e a dinâmica das mesmas fazer ecoar fortemente o som. Devemos nos perguntar porque Freire Alemão não supôs isso, levando sua referência ao ‘camdombe dos pretos’ mais longe, trabalhando com essa hipótese de forma séria. O som de tambores sendo tocados lhe era familiar a ponto de servir de referência sonora para explicar aquele fenômeno lido por ele como natural. Nesse sentido, se o fenômeno dos tambores nas dunas fosse realmente natural, porque isso não acontece mais hoje em dia? Porque não se houve mais no Cumbe falar desse som nas dunas como algo do presente, mas apenas do passado? Uma conversa que tive com Cleomar e Edite me confirmou que o toque dos morros não acontece mais. Eu mesmo nunca o ouvi nas vezes em que fui ao morro de dia ou de noite.

A meu ver, esse fenômeno se explica muito mais pela ação humana na produção desses sons, sendo sua propagação pela comunidade favorecida pelas condições ambientais, do que produzido exclusivamente por estas. Por outro lado, esse toque nos morros está diretamente associado às narrativas locais sobre Dom Sebastião. Porém, ao

se falar da cavalaria de Dom Sebastião e dos seus tambores isso não poderia ser uma camuflagem para um candombe que era feito nas dunas? Levando em consideração o catolicismo ser religião majoritária no país e a existência do racismo religioso contra as religiões afro-indígenas, acho plausível supor que associar os tambores a um rei católico fosse mais aceitável socialmente, do que falar em toques de negros e caboclos macumbeiros nas dunas do Cumbe de outrora. Como Cleomar gosta de dizer, o Cumbe tem muito mistério e coisas enterradas naquelas dunas, coisas a serem descobertas, reveladas.

Feitas essas especulações, voltemos ao assunto como tenho ouvido nas idas a campo. Há adultos e jovens na comunidade que têm familiaridade e proximidade com religiões afro-brasileiras. Há afirmações discretas desse pertencimento religioso e há afirmações mais explícitas do mesmo. Isso varia de pessoa para pessoa e de situação para situação. Tonys, por exemplo, ao ser indagado por mim sobre a religiosidade local falou o seguinte, quando mencionei o termo macumba:

Aqui não tinha ninguém contra ninguém. A manifestação acho que tem que ser algo que beneficia a todos, não adianta se for uma coisa que só beneficia a você. Aqui só tinha uma religião que era a católica, não existia evangélico, macumba também não, não tinha quem trabalhasse com macumba. Mas tinha rezador, que era uma pessoa que cura um pé seu, eu digo porque eu fui curado de um pé e fiquei bom. Era uma velha que morava aqui, esqueci o nome dela e o marido dela... Maria de Carro (Diálogo realizado em: 23/12/2022).

A meu ver, ele associou a macumba a rixas e intriga entre as pessoas, como se a macumba servisse a revides mútuos entre desafetos, como algo instrumentalizado exclusivamente para satisfação de interesses particulares. Ora, isso é uma visão reducionista da macumba, uma estereotipação de sua expressão religiosa. A priori, eu tinha achado que Tonys havia negado a presença da macumba no Cumbe, mas depois entendi que não se trata exatamente disso. Essas palavras de Tonys se tornaram mais compreensíveis a mim, quando finalizei a leitura de *Umbanda: Ceará em transe* (Pordeus Jr., 2011).

No referido livro o autor explica a forma como a Umbanda se institucionalizou no Ceará, bem como sua organização religiosa no século XX. Na esteira disso, tudo o que não era oficial e organizado era chamado popularmente e pelos próprios umbandistas, de macumba, mas o que era oficial e organizado era chamado de Umbanda¹⁰. Portanto, a “ausência” da macumba, apontada por Tonys, pode ser lida nessa chave de uma religião

¹⁰ Sobre questões relacionadas à Umbanda cearense consultar Leonardo Almeida (2023), Sousa (2023) e Jean dos Anjos e Pereira (2023).

mediúnicamente oficializada, com templo próprio, com uma liderança à frente, com giras programadas e que ainda deveria existir para assim ser reconhecida. Isso, precisamente, só houve uma vez no Cumbe, uma macumba organizada, com giras programadas e com uma liderança à frente, que era Maria Marimbondo e todos/as sabiam de sua existência, gostando ou não.

Ao mesmo tempo, pelos relatos que ouvi de interlocutores/as mais íntimos/as, entende-se a macumba como um conjunto de práticas de possessão, magia e mediunidade espalhadas pela comunidade, sem giras de desenvolvimento, sem organização litúrgica e outros ritos ou serviços organizados. Ouvi vários relatos sobre mulheres que antes recebiam entidades e que não tinham mediunidade desenvolvida para lidarem bem com elas. Em outra oportunidade pretendo dar mais detalhes quanto a essas possessões espontâneas, chamemos assim.

A presença de jovens e adultos quilombolas enquanto afroreligiosos ou simpatizantes, foi se tornando mais inequívoca a mim ao longo dos meses em campo. Nesse sentido, me recordo que no ponto de cultura Chama Maré, espaço dentro do prédio da associação quilombola e bem decorado, vi um cartaz que me chamou a atenção. A decoração do Chama Maré é feita por vários cartazes e banners com diversos dizeres. Um deles contém uma frase bem objetiva que indica o antagonismo entre afroreligiosos e evangélicos, como podemos ver na seguinte imagem:



Imagem 3 - Cartaz com dizeres contra a intolerância religiosa (Ozaias Rodrigues, 2022).

O cartaz traz ainda o desenho de uma guia ou fio conta de orixá e uma representação do ofá que pode ser de Oxóssi ou de outros orixás que também o usam. Depois de ter tirado a foto, soube que a autoria do referido cartaz é de Natiel, jovem não-

binária e umbandista da comunidade. Na festa do mangue de 2022, uma das apresentações da festa foi uma *poetry slam* recitada por Natiel e que falava sobre intolerância religiosa¹¹.

Além dele, há uma outra jovem que tem se interessado muito pela afrorreligiosidade, que é Ana Mara. Ela confeccionou guias para si e deu uma para mim de presente, de Oxum. Escreveu frases e nomes de orixás nas paredes do seu quarto e está se aprofundando no assunto, para entender mais sobre a religião. João do Cumbe é um dos interlocutores que atualmente se identifica fortemente com as religiões afro. Ele teve uma educação católica, tendo atuado fortemente na igreja local durante um tempo, participou de algumas novenas realizadas por sua mãe e irmãs e pelo visto faz um diálogo muito profícuo entre essas duas religiosidades.

O cartaz reproduzido acima, chama atenção para a presença incontestada da religiosidade afro no Cumbe. Mesmo aquela não estando organizada na comunidade através da figura de um/a líder ou da existência de um terreiro, essa expressão religiosa existe e tem crescido entre alguns/mas quilombolas ao longo dos anos. Por não haver giras e nem terreiro no Cumbe, os afrorreligiosos e simpatizantes muitas vezes vão a terreiros em Aracati (referência à região urbana do município). O cartaz também aponta para a presença do cristianismo na comunidade, sobretudo dos evangélicos, bem como a questão da intolerância religiosa e da possibilidade de uma convivência harmônica entre essas matrizes religiosas.

Um dado interessante na religiosidade local é o do trânsito religioso, sobretudo aquele que ocorreu da macumba para o evangelicalismo. Algumas pessoas que mexiam com macumba, como dizem, hoje são evangélicas. Nesse trânsito, os/as evangélicos negam ou ocultam seu passado com a macumba. Como indiquei, há quilombolas que falam com respeito acerca das religiões afro, mas outros/as manifestam repúdio, descrença ou medo quando se toca no assunto. No Cumbe há duas igrejas evangélicas: uma com templo mesmo, no Cumbe de cima e outra no de baixo, que era caseira, pois os cultos ocorriam na casa de uma das fiéis¹². Uma é Assembleia de Deus, a outra é a Igreja Pentecostal Entrada Triunfal, como me informou Kátia. Tanto Tonys como Ronaldo me

¹¹ A *poetry slam* citada tem como epígrafe 'Poesia de rua, desabafo de um umbandista'. Pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ub0xtp0z7yw>. Acesso em: 30/01/2024.

Já na festa do mangue de 2023, Natiel fez uma apresentação com um vestido longo, com cores e adereços que remetem a Iemanjá, enquanto uma música sobre água, mar e maré tocava.

¹² Até minha última ida a campo, no final de outubro de 2023, essa igreja caseira ainda funcionava na casa da dirigente da mesma, sendo que já havia um templo dessa igreja em construção. Não sei se os cultos já ocorrem no templo novo.

informaram que a presença de evangélicos no Cumbe é recente, algo em torno de vinte anos, mais ou menos.

Na ocasião em que participei do arraiaá realizado pela escola da comunidade, no dia 28 de junho de 2023, perguntei à Kátia sobre sua mãe, Marta, e ela me informou que a igreja que ela frequenta, a Pentecostal Triunfal, não permite os/as fiéis irem às festas de santos católicos. Antes disso, já havia pensado em ir a um desses cultos na Pentecostal Triunfal do Cumbe, a título de experiência antropológica, mas a experiência relativamente traumática que foi a minha saída da igreja Assembleia de Deus, após as eleições presidenciais de 2018, me fez hesitar. Quando Kátia me contou daquela proibição fiz uma expressão facial de ‘sério!?’ e complementei falando: “E eu ainda estava querendo conhecer essa igreja”. Rimos. Mas resolvi ir a um culto da Triunfal para poder falar com mais propriedade do assunto.

Essa conversa com Kátia e uma que tive com Cleomar acerca dos/as evangélicos/as no Cumbe, me confirmaram uma característica do evangelicalismo local: o ascetismo, se constituindo numa espécie de mentalidade sectária. Alguns/mas desses/as evangélicos/as se afastaram de pessoas que não são da mesma religião, são vistos/as como pessoas rígidas em suas crenças e atitudes e dados/as a julgar a vida das pessoas que não são convertidas como eles/as. A título de exemplo desse ascetismo, tem-se o culto de doutrina que é basicamente o culto onde as regras da igreja, de como se comportar, o que pode ou não pode, são expressas pela pastora, junto aos dirigentes da mesma, que são fiéis que lideram os cultos na ausência da pastora. O culto de doutrina é um culto muito característico do pentecostalismo brasileiro. É nele que os ditos ‘usos e costumes’ das igrejas são afirmados e defendidos pelas lideranças religiosas.

Como duas interlocutoras da pesquisa frequentam uma dessas igrejas evangélicas, resolvi ir num culto acompanhado delas, que são frequentadoras assíduas dessa igreja. Fui à Igreja Pentecostal Triunfal e algo que me chamou a atenção, logo de cara, é que ela tem um público predominantemente feminino e adulto, sendo os homens uns três ou quatro no máximo. No caso da Triunfal, os cultos acontecem na casa de uma fiel quilombola. Às 18 horas de uma quinta-feira de junho, lá estava eu pronto para ir ao culto nessa igreja. Fui de calça, sapato, camisa com mangas e uma Bíblia. Esperei Marta e Juliete na esquina, enquanto conversava com Dandina e Niltinho, trocando impressões sobre os/as evangélicos/as da comunidade. Elas demoraram e como ouvi que o culto já ia começar, resolvi ir só.

Cheguei na igreja e me sentei na última fileira. Francisca e Lourdes me acenaram e eu retribui. A liturgia do culto foi a seguinte: uma oração introdutória feita pelo dirigente, uma oração de sua esposa, seguida de louvores da Harpa Cristã; depois o dirigente fez uma fala com base no Salmo 46; logo após o conjunto de senhoras¹³, chamado Vaso de Alabastro, cantou, depois foi a vez das crianças cantarem, umas três meninas que estavam presentes; após isso a dirigente cedeu a oportunidade para quem quisesse cantar ou falar algo no púlpito. Várias senhoras do conjunto cantaram, separadamente, acompanhadas por músicas reproduzidas em uma caixa de som; as ofertas e dízimos foram depositadas pelas fiéis e o dirigente voltou ao púlpito para um rápido sermão, com base no Evangelho de João, capítulo 2.

Após o sermão, sua esposa cantou novamente e fez uma oração pelas famílias ali presentes ou representadas e pelos pedidos de oração apresentados durante o culto. Pedidos de oração, por certas causas ou pessoas, são característicos das liturgias pentecostais. O dirigente logo em seguida fez uma oração para finalizar o culto e dito o amém final, nos cumprimentamos com a paz do Senhor, a saudação de todo evangélico a outro. Quase todas as músicas entoadas ao longo do culto eu conhecia. A liturgia era tão familiar que me senti bastante à vontade. Foi uma experiência bem proveitosa, agradável, mas o sermão ou pregação, como se diz no jargão evangélico, deixou a desejar, sendo mais um aglomerado aleatório de versículos bíblicos e frases de efeito.

Do que percebi no culto, realmente as críticas de não-evangélicos/as têm fundamento, sobretudo ao apontarem o ascetismo e uma intolerância contra religiões afro, por exemplo. Exemplar nesse sentido, foi que na oração das ofertas o dirigente citou seres espirituais que podem atrapalhar a vida dos fiéis e entre eles citou, rapidamente, o nome da entidade Tranca-Rua. A outra ocasião foi bem mais explícita para mim e ocorreu na penúltima oração feita pela dirigente. Ao orar pelas famílias, ela pediu a Deus que anulasse o poder de trabalhos feitos contra as famílias. Ela falou em ‘quebrar todo alguidar’, ‘desfazer toda farofa’ e ‘anular todo sangue’ derramado na encruzilhada para fazer mal às pessoas. Pensei mentalmente, “começou, começou, estava demorando!”

Como ex-pentecostal, vi várias vezes esse racismo religioso se expressando em sermões e orações do tipo. A dirigente em questão, inclusive, é uma das pessoas que foram

¹³ Nas igrejas pentecostais é comum haver conjuntos, que são agrupados para louvarem e se baseiam em faixas etárias, ao exemplo de conjunto de crianças, adolescentes, jovens e de senhoras. Este último geralmente é composto por mulheres casadas, mas sobretudo por mulheres de uma determinada faixa etária.

identificadas, por uma interlocutora íntima, como tendo praticado macumba num dado momento de sua vida – e era uma das mais ativas na macumba da comunidade. Hoje em dia, seu conhecimento de causa permite citar elementos de trabalhos mágicos com muita propriedade, algo que não vi acontecer nos meus mais de vinte anos de Assembleia de Deus, o que, nesse último caso, sugere o distanciamento da afrorreligiosidade. Ao longo dos meus anos como assembleiano, quando a macumba era citada o era de forma genérica, mas ali, naquele culto, estava uma pessoa que entende bem de trabalhos mágicos e que agora os demoniza, tomando-os como algo feito exclusivamente para o mal das pessoas, o que indica fortemente a proximidade que ela teve no passado com a macumba.

Considerações finais

Por fim, retomo as discussões acerca do evangelicalismo que, pela experiência de campo e narrativas dos/as interlocutores/as, é influenciado pelo bolsonarismo. No geral, enquanto estive em campo, raras vezes ouvia alguém falar bem dos/as evangélicos/as, sendo que parte dessa crítica recai sobre os/as evangélicos/as bolsonaristas e suas atitudes negacionistas diante da pandemia da Covid-19, além de outras que podem ser consideradas como assédio religioso. Em várias falas, notei que a associação entre evangélicos e o negacionismo pandêmico era frequente. Uma das interlocutoras, Zuíla, contou que tentou dissuadir a nora da atitude de se negar à vacina, mas que não obteve êxito. Ao mesmo tempo, ela afirma que houve evangélicos que mudaram de opinião e se vacinaram.

A identificação de evangélicos fundamentalistas com o bolsonarismo os fazia ver o ex-presidente como um homem de Deus, como sendo abençoado por Ele. Já a leitura que outros/as evangélicos/as quilombolas fazem de Jair Bolsonaro, bem como quilombolas progressistas, é que ele é uma espécie de antiCristo, no sentido prático do termo, alguém que é desumano, que despreza certos grupos sociais e que é dado à arrogância. Características nada cristãs. O evangelicalismo bolsonarista minimizou falas e atitudes contestáveis e impróprias do ex-presidente, pois sempre afirmava a compatibilidade de seus valores morais e políticos com Bolsonaro.

Muitos/as quilombolas criticaram os/as evangélicos/as quilombolas por uma aparente contradição entre a luta quilombola e o bolsonarismo. Na verdade, esses exemplos mostram a limitação de evangélicos quilombolas no tocante à luta quilombola e a pautas de esquerda. Dessa forma, o ser evangélico e bolsonarista é mais constitutivo da subjetividade desses quilombolas, do que uma identificação entre ser quilombola e de

esquerda ou progressista, por exemplo. Assim, há quilombolas de direita ou bolsonaristas, no Cumbe. Essa oposição política entre quilombolas se manifestou largamente durante a pandemia e as eleições presidenciais de 2022. Há mais coisas a serem ditas sobre política e evangélicos no Cumbe, bem como da religiosidade local, mas aqui fiz apenas um rascunho da questão.

Referências bibliográficas

ANJOS, Jean Souza dos; PEREIRA, Janaina Edwiges de Oliveira. Homenagem à Maria Stela Pontes: Mãe de Santo do Ceará. Em: ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. **Religiões afro-brasileiras no Ceará: temas referências e debates**. Fortaleza: Impreco, 2023.

ARAÚJO, Patrício Carneiro; ASSUNÇÃO, Alexandre Hermes Oliveira. O terreiro do Pajé Barbosa: afro-indígena no sentido do termo. Em: ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. **Religiões afro-brasileiras no Ceará: temas referências e debates**. Fortaleza: Impreco, 2023.

ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. Umbanda no Presidente Vargas: a “Grande Noite de Iemanjá” de Fortaleza como um modo de presença pública (1965). Em: ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. **Religiões afro-brasileiras no Ceará: temas referências e debates**. Fortaleza: Impreco, 2023.

BRISSAC, Sérgio. PARECER TÉCNICO Nº 3 /2017 – SEAP. **Parecer Técnico sobre os conflitos relacionados com a titulação da comunidade remanescente de quilombos do Cumbe, no município de Aracati/CE**. MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA/SECRETARIA DE APOIO PERICIAL - Centro Regional de Perícia 5. Fortaleza, 2017.

DAMASCENO, Darcy; CUNHA, Waldir da. **Os manuscritos do botânico Freire Alemão**. Anais da Biblioteca Nacional. Volume 81, 1961.

PORDEUS Jr., Ismael. **Umbanda: Ceará em transe**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2º ed., Expressão Gráfica e Editora, 2011.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil - Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. *Revista USP*, São Paulo, n. 28, p. 64-83, dezembro/fevereiro, 1996. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p64-83>.

RODRIGUES, Ozaias da Silva. **“Possibilidade nos dias da destruição”: pandemia e a continuidade da vida entre remanescentes quilombolas do Cumbe – Aracati/CE**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2024.

SOUSA, Gabriel Freitas de. **Entre o amém e o axé: as relações inter-religiosas da Umbanda à sombra da Basílica de São Francisco das Chagas em Canindé/CE**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades). Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira. Redenção, 2023.